

O fenômeno da inovação semântica no texto literário¹

Salazar da Silva, Odair (Secretaría de Estado y Educación de Santa Catarina – Universidad Nacional del Nordeste)

Com o propósito de investigar o fenômeno da inovação semântica na literatura (ficcional), a hermenêutica de Paul Ricoeur é uma dentre outras teorias da interpretação que tem como objetivo “desvelar” os efeitos de sentido que um dado texto oferece. Que critérios são adotados pelo leitor para considerar uma interpretação (de um texto) válida ou inválida? Para responder, satisfatoriamente, a esta questão, é preciso que se determinem alguns conceitos, dentre eles, o de hermenêutica e o de inovação semântica, que em algum lugar na linguagem se cruzam. Dependendo do foco de análise, a interpretação pode convergir ou divergir, depende única e exclusivamente de qual método adotar e qual autor a seguir.

O primeiro ponto de discussão gira em torno do conceito de ερμηνευτική (hermenêutica) que apresenta uma origem duvidosa. Alguns filósofos aproximam-no ao nome de “Hermes”, mensageiro dos θεοί (deuses), o qual desempenhava a atividade prática de “anunciar”, “profetizar”, “admoestar”, aos homens, acontecimentos vindouros; uma prática habitual de credibilidade entre os gregos, em geral, uma arte de interpretação não contemplativa, mas de transformação.² Esta discussão em torno da gênese da “hermeneusis” não interfere no estudo da interpretação. Se a designação do termo ερμηνευτική tem apenas uma aproximação com o nome “Hermes” pela sonoridade, então deduz-se que não há como voltar às origens através de documentos, o que leva a pesquisadores a uma consciência unânime de que esta informação não rompe com o curso da história, não esclarece em definitivo, nem atrapalha o método de investigação.³

Como descreve Ebeling, o significado de “hermenêutica” aponta para três direções: 1) asseverar, 2) interpretar e 3) traduzir. Ao “asseverar”, “interpretar” e “traduzir” um texto, o hermeneuta tem como objetivo “conduzir numa interpretação”, “mediar numa interpretação” o significado fundamental em relação aos diferentes modos de fundamenta o problema que gira ao redor da compreensão. A hermenêutica exerce seu poder quando dá o que pensar para compreender os diferentes tipos de texto.⁴

Durante muitos séculos, textos jurídicos, religiosos e literários foram objetos de investigação dos hermeneutas. Cada um tomava para si um método (diferente) de interpretação, o que valida a tese ricoeuriana de que antes de se falar de uma hermenêutica geral, a interpretação era compreendida através de uma hermenêutica particular; cada tipo de texto tomava para si o melhor método que se adequava às reais necessidades de cada

¹ “Entende-se por texto literário a leitura de todo e qualquer tipo de texto, que tenha sido construído a partir de um propósito do seu autor, que possua, em síntese, a capacidade de provocar uma re-descrição da realidade do mundo em seu leitor.” VALDEZ, M. J. (1999, p. 65)

² FERRARIS, M. (2002). *Historia de la hermenéutica*. Buenos Aires: Siglo XXI

³ O vocábulo “hermenêutico” tem suas raízes no grego “hermeneusis” que significa “declarar”, “interpretar”, “anunciar”, “esclarecer”, “traduzir”. Tais significados deste termo são compartilhados por Ebeling, que alguma coisa pode ser compreensível, ou induzida a uma compreensão inteligível. Seja o enunciado lingüístico de qualquer natureza, Coreth afirma que nele desperta um esclarecimento ou algo obscuro de difícil esclarecimento, que precisa ser compreendido, seja em relação a um texto histórico, teológico, literário, cujo sentido está submerso e aparece de forma repentina, mas que antes mesmo deve ser percebível. (CORETH, 1973).

⁴ PALMER, R. E. (1969). *hermeneutics. Interpretations. Theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, and Gadamer*. Evanston: Northwestern.

área de investigação. Ricoeur reforçou apenas a ideia de que as primeiras interpretações foram realizadas em textos canônicos religiosos e mais tarde estendeu-se o método exegético (com algumas adaptações) a outras áreas das ciências humanas como se verá mais a frente.

Entre os modernos, o conceito de hermenêutica (clássica) não mudou muito sua essência. Foi Schleiermacher quem tomou a palavra (no uso filológico e teológico) e a partir dela procurou abrir horizontes para compreender filosoficamente a escrita sagrada histórico-literariamente. Schleiermacher conhece as várias hermenêuticas especiais, principalmente a teológica que, segundo Grondin “continuavam sua tranqüila existência como disciplinas auxiliares assistemáticas, às margens das ciências puras”.⁵ O teólogo e filólogo alemão propunha uma hermenêutica universal, considerado um ponto de partida radical, uma arte de compreensão válida para todo e qualquer texto.

No entanto, esclarece-se que o autor alemão não restringe o estudo da hermenêutica geral apenas em nível textual, mas a partir da oralidade. Ambos são considerados objetos de interpretação.⁶ Não só Ricoeur, leitor de Schleiermacher, quem aponta para uma hermenêutica da oralidade como “texto” para análise. Pesquisadores como Ebeling e Palmer compartilham da ideia de que considerar a oralidade, anterior à escrita, é objeto de estudo da hermenêutica. Todo texto (oral ou escrito) é objeto de análise, interpretação, em síntese, de investigação filosófica. Esta possibilidade de estender a ερμηνευτική para além do campo da escritura tem evocado um mal-entendido que é, para Schleiermacher, um risco necessário e inevitável que todo intérprete corre ao equivocar-se em uma interpretação.⁷

Em efeito “o mal entendido não é algo episódico ou algum risco que o intérprete está exposto numa interpretação. Ou melhor, ocorre ao contrário: qualquer comunicação, seja ela de qual natureza for, apropriando-se de algo distante, esta está exposta a incompreensão”⁸, resultado de inúmeros fatores: históricos, psicológicos, técnicos, etc. Neste sentido, Ricoeur chama a atenção do filósofo para que se considere a hermenêutica não só como a τέχνη (arte) de compreender, mas também como a τέχνη de demonstrar o mal entendido, que não é apenas o ponto de partida de toda e qualquer interpretação, mas também é o movedor interno que leva o intérprete a analisá-la e aprofundá-la, com a ideia de que jamais o intérprete pode adquirir interpretações definitivas, mas que toda e qualquer leitura deve ser “provisória”, passível de engano.⁹

Grosso Modo, filósofo francês assevera que o intérprete busca adivinhar o sentido de um texto, o qual está envolvido com um tipo de autonomia semântica, que oferece um sentido que se oculta nas profundezas da linguagem. Graças à escrita “o sentido do texto não mais coincide com o sentido mental ou a interação do texto”. Neste sentido, o texto literário, como unidade de significação, tem algo a dizer por meio da linguagem (figurada, simbólica, mitológica), que representa o mundo.¹⁰ Por estas e outras razões abordadas

5 (GRONDIN, 2001, p. 118)

6 CONESA, F. NUBIOLA, J. (1999). *Filosofía del lenguaje*. Barcelona: Herder.

7 Aqui não se discutirá a questão entre escritura e oralidade como objeto de investigação hermenêutico. Para uma discussão mais fecunda ver GRONDIN, Jean (2001). *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo, Unisinos.

8 *Ibidem*, 1999. Tradução minha para o espanhol.

9 RICOEUR, P. (2006). *Del texto a la acción*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica

10 CORETH, 1973, RICOEUR, 2006.

anteriormente que a hermenêutica serve de ferramenta para dar base ao texto literário, cuja função é criar, recriar, escrever, des-crever a realidade dos fatos.

Neste sentido, indaga-se em direção ao texto literário: como considerá-lo válido ou inválido? Para responder a esta pergunta inserir-se-á o conceito de “inovação semântica”, seguindo as esteiras de Ricoeur.¹¹ Todo e qualquer texto traz em si o novo. De que maneira? Eis a questão. O texto literário é um dos mais ricos em significados que fornece o inédito, nunca visto ou ouvido. O texto literário é invadido por μεταφορών (metáforas) que renovam a significação. Ora traz uma interpretação original, por meio de um sentido e de uma referência de segunda ordem, ora permanece por algum tempo com a interpretação que lhe parece mais adequada. Nenhum exemplo melhor para mostrar como se processa o fenômeno da inovação semântica senão pelo conceito de “metáfora viva”.

O texto, nas palavras de Bearsdley, é um poema em miniatura. Significa antes de tudo que não se considera no estudo hermenêutico a palavras ou seguimentos de frases como ponto de partida para discussões filosóficas ou literárias, mas, é o texto como unidade (uma metáfora) que ao “dizer” algo incomum, produz um conhecimento ainda não percebido. Oferecer novidades é a tarefa do texto que, por meio de uma unidade superior à frase, tem como característica o processo cumulativo, holístico, que dá uma maior visão do mundo que está aí para ser desvelado. O ato de desvelar o mundo tem como prioridade dar preferência à hermenêutica como ferramenta que tem a função de:

“revelar a dinâmica interna que preside a estruturação da obra, o poder da obra de projetar-se fora dela mesma e engendrar um mundo que será verdadeiramente a “coisa” do texto. Dinâmica interna e projeção externa constituem o que chamo o trabalho do texto. A tarefa da hermenêutica é a de reconstruir este duplo trabalho do texto”.¹²

Verifica-se que a hermenêutica possui um sentido e uma referência desdobrados (estrutura e mundo da obra, respectivamente). A partir da destruição da literalidade em direção a uma interpretação de segunda ordem (de um determinado texto) é condição necessária para validar o valor do mundo ficcional, pois a literalidade quando se manifesta no texto literário quase sempre é absurda, contudo, ela traz consigo a novidade, o inédito.

Para que isso aconteça, Ricoeur propõe que se destrua o sentido literal (primário) para dar lugar a um sentido metafórico (secundário), onde reside uma possibilidade de mundo possível é real. Ousa-se afirmar que a metáfora é um instrumento de cognição usado não só por literatos ou filósofos, mas por cientista que de alguma forma usaria a teoria da significação a seu favor por meio de modelos (assim como assevera Mary Hesse) os quais não se tratará aqui.

Percebe-se que quando se cria um novo mundo a partir de um anterior é resultado de uma nova leitura produto de um novo paradigma adotado por um pesquisador. Ricoeur chama de “inovação semântica” a novidade abstraída de um texto, seja uma poesia, um conto, uma narrativa, que se encontra implícita e se manifesta explicitamente para re-figurar a realidade dos fatos. Não só a palavra e a frase se desdobram sobre o fenômeno da inovação semântica como um todo, mas qualquer texto de natureza distinta tem o poder de dizer algo novo por meio de uma torção metafórica. Diante desta torção ocorrida na linguagem, as ações cotidianas são resultados de colisões de outras ações humanas, que resultam de uma nova

¹¹ RICOEUR, La métaphore vive, 1975.

¹² Ricoeur, 1975, p. 76.

congruência, responsável pela pertinência metafórica. Um texto tem como principal característica estar sempre em intriga, que de alguma forma, internamente, é resultado de um desvio entre sentidos (próprio e figurado).

O papel fundamental da linguagem é re-descrever (sem preconceitos) a realidade, revelando-a, criando-a, sucessivamente. Neste sentido, Ricoeur confirma a idéia de que homem tem uma relação com o real que nunca é dada de forma direta, mas através de desvios, resultados de interpretações divergentes a partir de um mesmo objeto de análise. É papel fundamental de a interpretação criar congruências, reunir disparidades, dando a estas desconformidades forma e ordem às ações e às experiências humanas. “Compreender” um texto, examiná-lo minuciosamente, apreendê-lo na sua totalidade é um fenômeno de inovação semântica. Somente por este processo de interpretação, o pesquisador consegue abstrair o “enigma” que se esconde por detrás do texto. Este tipo de procedimento dá confiabilidade ao intérprete de creditar valor de verdade diante do texto literário, tornando-o válido diante da linguagem que não cessa de mudar de roupagem com o passar do tempo, com prejuízos, que de alguma forma é um risco que se corre, mas que segura a realidade dos fatos.

O texto literário é, segundo Beardsley¹³, uma fonte de enigmas que nunca se esgota; está sempre em devir; renova-se a cada tempo, dependente de inúmeros fatores externos, cultura, em síntese, fatores sincrônicos e diacrônicos. Aqui cabe a máxima schleiermacheriana, “compreender é compreender-se diante do texto”. Ou seja, este processo de inovação semântica nunca cessa, exige sempre do leitor uma nova leitura, uma elucidação dos fatos. Que dizer de “Soneto de Fidelidade” de Vinicius de Moraes, que demonstra inúmeras leituras distintas e válidas sobre o “amor” diante do leitor e de sua subjetividade que oferece um “ver-cómo” diante da realidade? Da mesma forma, aplica-se este mesmo lavro à poetisa brasileira Cecília Meireles, à figura máxima do Simbolismo brasileiro Cruz e Sousa, e ao poeta português Fernando Pessoa, este último, diante texto oferece ao leitor explicações distintas, a partir de seus pseudônimos Alberto Caieiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, etc., e de seu conterrâneo de tempos remotos Camões que, por meio de seus poemas, demonstrou melhor que ninguém que o “amor” (enquanto texto) é incompreensível em toda maneira de viver, de agir e pensar humano, um paradoxo sem precedentes – um olhar diante do conceito “amor” de Vinicius de Moraes, que o consegue conceituá-lo de muitas formas.

Enfim, chega-se à conclusão de que o texto poético (considerado uma unidade não só superior à palavra, mas à frase) não pode e nunca deve ser considerado ou entendido simplesmente como uma unidade linear de proposições, mas como um processo acumulativo que apresenta uma estrutura específica que se diferencia daquela que caracteriza a frase. Como unidade básica de análise, o texto poético gera um mundo aberto que não pode aportar-se diante de uma soma de frases, mas recria um orbe peculiar que sempre está em conflito com o mundo real para descrevê-lo, negando ou afirmando-o, por meio da linguagem, que é seu lócus de ancoragem. Assim, entende-se por texto literário, a leitura de uma metáfora em miniatura diante da intenção do autor, seja ela qual tenha sido, cujo objetivo último é re-descrever o mundo de seu leitor. Aí está mais uma vez a validade da literatura ficcional, que tem como intento provocar em seus leitores uma revisão, uma nova definição dos fatos envolvem o mundo, outorgando a ele um valor excepcional. Este

¹³ BEARDLEY, Monroe C.(1958). *Aesthetics: problems in the philosophy of criticism*. New York, Harcourt, Brace and World, 1958.

processo conhecido como inovação semântica mostra que a linguagem parece estar exilada fora do orbe, capaz de aumentar o poder de re-descrição das ações humanas, da realidade vista de um ângulo possível e real a partir de uma teoria hermenêutica.

Referência Bibliográfica

- BEARDLEY, Monroe C.(1958). *Aesthetics: problems in the philosophy of criticism*. New York, Harcourt, Brace and World, 1958.
- CONESA, F. NUBIOLA, J. (1999). *Filosofía del lenguaje*. Barcelona: Herder.
- CORETH, Emerich (1973). *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo.
- FERRARIS, M. (2002). *Historia de la hermenéutica*. Buenos Aires, Siglo XXI.
- PALMER, R. E. (1969). *hermeneutics. Interpretations. Theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, and Gadamer*. Evanston: Northwestern.
- RICOEUR, P. (2006). *Del texto a la acción*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- _____ (1975). *La métaphore vive*. Seuil, France.
- VALDEZ, M. J. (1999). *En torno a la filosofía y la teoría literaria de Paul Ricoeur*. In: *Con Paul Ricoeur: indagaciones hermenéuticas*. Azul, Monte Àvila, Ediciones Latinoamericanas.